Parece que o Dia Internacional da Felicidade existe desde 2012, por decisão unânime dos 193 estados que compõem as Nações Unidas e que curiosamente nunca estão de acordo sobre mais nada, nomeadamente sobre as formas de acabar com a infelicidade, mas eu cá nunca tinha dado por ele. Mas soube da sua existência este ano quando liguei a televisão e vi uma equipa de reportagem a perguntar a transeuntes o quê ou quem os fazia mais felizes (sendo que a resposta certa, caso seja apanhado numa destas, continua a ser "Com três letrinhas apenas se escreve a palavra mãe!"). No entanto, o franzir de muitos sobrolhos indicava que a questão era sentida quase como uma provocação, servindo de pretexto para um rol extenso de queixumes. O que, bem vistas as coisas, resulta em perfeita concordância com as estatísticas, que nos indicam como um dos povos com um índice de felicidade mais baixo. Mas o terror instalou-se quando mais tarde li que a maioria dos portugueses acima dos cinquenta, solicitada a avaliar o seu próprio passado, confesse que não teve uma vida feliz. É de cortar o coração. Sinceramente não sei se este fado, que muitas vezes toma a forma de uma postura Calimero (aquele patinho infeliz, que chorava por ser pequenino e esquecido), é um problema de DNA ou cultural, hábito enraizado de acreditarmos que, por alguma estranha razão, somos menos bafejados pela sorte, ou uma preguiçosa convicção de que a felicidade nos é servida de bandeja. Porque se é evidente que as crises económicas, a insegurança no presente e a incerteza do futuro influem necessariamente no nível de felicidade, não podem justificar a nossa infelicidade, já que o que não faltam são países mais pobres e mais inseguros, dilacerados por guerras e fomes, que nos ultrapassam em felicidade. E por muito. Talvez a culpa seja dos cartazes que nos vendem férias em ilhas desertas, com coqueiros a caírem sobre o azul transparente do mar, acenando-nos com a certeza de que é ali, naquela praia, que finalmente seremos felizes. Algures nos antípodas de onde estamos. Talvez até de com quem estamos porque, como canta Miguel Araújo, "os maridos das outras são o arquétipo da perfeição".

NÃO ESPERE POR UMA ILHA DESERTA (NEM POR SER MAGRA) PARA FINALMENTE COMEÇAR A SER FELIZ. PREFIRA ANTES UNS ÓCULOS COM LENTES COR-DE-ROSA.

Ou então o mal vem das imagens de modelos esterlicadinhas, em biquínis de cortar o fôlego. Ah, quando finalmente fizermos a dieta, quando por fim os resultados do ginásio estiverem à vista, então sim, vamos vestir-nos (ou despirmo-nos) como aquelas sereias, e aí seremos, finalmente, felizes.

O único problema de apostarmos todos os feijões na mesma casa é que quando a roda da fortuna não acerta no número escolhido, ficamos sem nada. Comprados os bilhetes de avião e chegados ao paraíso, não contamos com dois dias de gastroenterite e três a discutir com o Adão que levámos na bagagem; feita a dieta, comprado o fato de banho, é o acne provocado pelo creme solar que estraga tudo!

Não quer dizer que os pés mergulhados numa *offshore* qualquer não seja uma experiência magnífica, e que não ganhemos mais em ser magras do que obesas, e reconheço que há, de facto, biquínis e vestidos pelos quais vale a pena morrer, mas desconfio que devíamos apostar mais no aqui e no agora. No contar das nossas bênçãos, e são tantas. Na consciência assumida de que a felicidade tem de vir de dentro e resulta de sermos capazes de valorizar e investir no que realmente importa, deixando de lado o que não é essencial; na aceitação de que a tristeza, a saudade, a perda de pessoas que nos são queridas e a inevitabilidade do envelhecimento e da morte fazem parte deste jogo. E se, no final de tudo isto, nos acusarem de usarmos óculos com lentes tingidas de cor-de-rosa, ignore, é inveja. O que importa é que se lembre que é o exemplo que conta, e que é com ele que os seus filhos, e um dia os seus netos, vão aprender a ser felizes. *m*

Isabel Stilwell
Escritora e Jornalista

FOTOGRAFIA: CARLOS RAMOS; *BIRTHDAY*, 1915, MARC CHAGALL